



Produções de Sentido em Veja e Época: Análise das capas de edições de abril e junho de 2010¹

Karina MENEZES²

Maria Emilia COELHO³

Universidade Federal do Pará, Belém, PA.

Resumo:

As enchentes e desabamentos ocorridos no Rio de Janeiro no mês de abril deixaram milhares de atingidos e causaram comoção nacional. Diversas publicações estampavam imagens desse desastre singular na história brasileira. Dois meses depois, os holofotes midiáticos estariam apontados para outro fato importante, porém previsto, a Copa Mundial de Futebol de 2010. Por meio desta análise, pretende-se expor a diferença na construção do discurso de duas revistas semanais de veiculação nacional, Veja e Época, em relação a esses acontecimentos. Ambas as revistas trouxeram nas suas respectivas capas, nos meses de abril e junho, um recorte diferenciado dos acontecimentos, permitindo um corpus de análise amplo. Embasaremos, então, a análise com concepções dos autores Eliseo Verón (2004), Sírío Possenti (1990), entre outros.

Palavras-chave: análise de discurso, capas de revistas semanais, contrato de leitura.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática, da Intercom Júnior – Estudos Interdisciplinares da Comunicação em, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 3º semestre do curso de Jornalismo do ILC-UFPA, email: karinamenezes18@hotmail.com

³ Estudante de Graduação do 3º semestre do curso de Jornalismo do ILC-UFPA, email: emiliasc_@hotmail.com



Produções de sentido em Veja e Época:

A definição de um significado para a palavra “discurso” ainda se mostra complexa, pois seus entendimentos são vários. Para Sírio Possenti (1990), são três os sentidos mais recorrentes no meio acadêmico: uma delas toma o discurso como a oposição entre enunciado (produto lingüístico) e enunciação (processo de produção do enunciado), considerando discurso como “qualquer ocorrência de qualquer seqüência lingüística”. Outra diz que o discurso é formado simultaneamente pelo contexto e ocorrência lingüística. Por fim, discurso seria um conjunto de enunciados que se relacionam, formando “instâncias relativas a um mesmo referencial”.

Considerando a terceira definição, poderíamos dizer que a construção feita pelas revistas *Veja* e *Época* se inserem num dito “discurso jornalístico”. Seria um equívoco, porém, deixar de citar outro aspecto comum do discurso, também definido por Possenti: a polifonia. A terceira fase da Análise do Discurso diz respeito ao signo da heterogeneidade, em que um discurso é perpassado por outros vários discursos. As publicações são exemplos de construções discursivas que não se limitam a uma apreensão única dos fatos abordados.

Compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática ou a um dicionário, é mobilizar saberes diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável.
(MAINGUENEAU, 2001, p. 20).

As modalidades de enunciação dos suportes de imprensa escrita são ditadas pelo dispositivo de enunciação (contrato de leitura) desses últimos (VERÓN, 2004). Formado por todos os aspectos que compõem a publicação (formatação, fontes, cores, tamanho das imagens, conteúdo etc.), podem ser apresentados nas capas de diversas formas. Ordem, paralelização dos enunciados, posição de enunciação pedagógica ou não-pedagógica, distanciada ou não, entram nesse leque de análise semiológica.

Alguns elementos podem ser escolhidos como componentes dos destaques da revista, como o dialogismo, que seria a tentativa de contato direto com o leitor, por meio de elementos que interpelam e atraem ou distanciam o público. Seria assim a noção de recepção/compreensão de uma enunciação que forma um território comum entre locutor (quem fala) e alocutário (quem responde).

Capas de publicações tendem a incluir no seu leque de abordagens, enunciados referentes a outras áreas além da jornalística, como ciência, política, esportes etc.. As publicações semanais *Veja* e *Época* podem ser caracterizadas dentro desse contexto enunciativo. As edições dos meses de abril e junho serão utilizadas para exemplificação desse conceito.

Segundo Eliseo Verón, o dispositivo de enunciação na mídia impressa é classificado como contrato de leitura. As capas de revista, por meio de seus elementos, deixam transparecer algumas partes fundamentais das publicações.

As modalidades de enunciação na capa são, em todo caso, um suporte de imprensa, um fator crucial na construção do contrato: a capa pode *mostrar* de um modo simultaneamente condensado e preciso a natureza do contrato, ou então, ser mais ou menos incoerente com este último. (VERÓN, 2004, p.220).

Análise de capas de edições do mês de abril

As revistas do mês de abril trazem como destaque as tragédias decorrentes do período chuvoso no Rio de Janeiro, nesse mesmo mês. Ambas trazem um teor político em seus discursos, porém, enquanto *Época* traz somente a imagem de um bombeiro carregando uma das vítimas do deslizamento do Morro do Borel (Barra da Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro), *Veja* faz uma montagem com a imagem do Cristo Redentor com lágrimas nos olhos, como se esse incorporasse os mesmos sentimentos de perda da população.

Os deslizamentos dos morros e enchentes ocorridos no Rio de Janeiro deixaram 219 mortos, 161 feridos e 11.562 desabrigados, atingindo 10,3 milhões de pessoas e vários municípios. A polêmica se concentra nas políticas públicas do governo, que oferecia serviços para moradores de áreas consideradas irregulares, subsidiando, de alguma forma, a sua estadia naquele local. Foram nessas favelas que aconteceu a maioria das mortes (197 delas). Nesse sentido, as temáticas vão além das conseqüências das chuvas, englobando aspectos como a favelização, moradias irregulares e a falta de assistência adequada do governo.

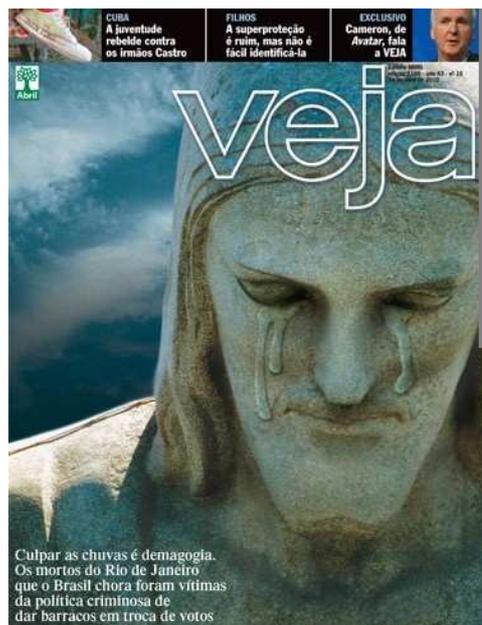
Dessa forma, *Veja* define sua posição discursiva como entidade enunciativa por meio da articulação da foto e da legenda “Culpar as chuvas é demagogia. Os mortos do Rio de Janeiro que o Brasil chora foram vítimas da política criminoso de dar barracos em troca de votos.” *Época*, por sua vez, deixa o próprio leitor interpretar sua posição em relação ao fato, não estampando nenhuma legenda em destaque. A data do acontecido



trazida abaixo da imagem se enquadraria na formação de um retrato, junto à foto, que teria como efeito de sentido a inscrição de uma lápide. Assim, apenas a foto, de forte cunho emocional, “fala” pelo conteúdo da matéria.



A revista Veja, com a foto do Cristo Redentor, considerado um dos símbolos do Rio de Janeiro, exibe um ângulo da estátua que a posiciona de modo a parecer cabisbaixa, reforçando a idéia, junto às lágrimas, de que ele seria a representação do sofrimento do estado. A foto que estampa a edição de Época, por outro lado, representaria o vazio e a morbidez do evento. O fundo preto, que encarnaria a ausência total de cor, funciona como reforço à idéia de perda e lástima.



Além disso, a imagem do bombeiro Flávio Fernandes (Época) ilustra a representação de um dito “herói”, reforçado pelo fato de estar carregando uma menina morta, Ana Luísa, moradora do Morro do Borel. Na verdade, o heroísmo dos bombeiros é uma matriz cultural mundial, de que esses teriam poderes quase sobre-humanos para resgatar as pessoas.

Quanto à disposição dos títulos das duas publicações, percebem-se outras diferenças. Enquanto Época enquadra a imagem sobreposta ao nome da revista; Veja, mesmo que tenha posto as letras em um tom transparente, põe seu título como prioridade na página, tornando-o mais visível.

No campo dos discursos das revistas, como um enunciador distanciado, Época se mostra como se detentora dos mesmos sentimentos da população, estampando sua capa com uma foto que teria um forte efeito emocional no leitor, como vários meios de comunicação também o fizeram. Porém ao exibir uma foto sem o olhar do bombeiro direcionado à câmera, não interpela diretamente o leitor, não dialoga com este.

Como tema secundário, a revista traz o tópico das eleições presidenciais de 2010, com uma pequena legenda acima da cabeça do bombeiro (“Entrevista: ‘Estou mais preparado que 2002’, diz José Serra”). O uso do discurso reportado (VERÓN, 2004) também indica que a revista se exime da produção do enunciado. Época, por outro lado, possivelmente especularia como efeito de sentido um posicionamento político da revista em relação ao caso, estampando a fala de um candidato de partido de oposição ao governo atual, posto como detentor de parte da culpa pelo desastre ocorrido na cidade. A revista, assim, “chama mais atenção” para a matéria de destaque.

Já Veja mantém seu discurso também distanciado e não-dialógico, pela preferência em apresentar a imagem de uma estátua ao invés de uma vítima da tragédia, além de apresentar uma legenda que pressupõe o conhecimento do assunto pelo leitor. Assim a revista coloca-se a frente da mídia impressa e televisiva que já havia noticiado o caso. Os tópicos secundários (CUBA, FILHOS, EXCLUSIVO) de Veja fogem a esse assunto, criando uma ambiência mais leve na página, caracterizando-se como enunciador pedagógico.

Na capa de Época, os elementos são postos de maneira a acompanhar a fotografia principal. Veja, por meio da hierarquização dos temas secundários, que os torna independente da matéria principal, cria uma atmosfera mais segmentada.

As diferenças percebidas nas edições podem ser atribuídas não somente aos seus respectivos contratos de leitura, mas à forma como cada uma se posiciona, por meio de

suas modalidades enunciativas, sobre o caso. Enquanto *Época* se mostra distante por meio de uma fotografia “auto-suficiente”, *Veja* mantém essa distância pelo uso de seu posicionamento político.

Análise de capas de edições do mês de junho

A motivação da produção das reportagens das edições dos dias 9 de junho e 7 de junho de ambas as revistas foi o contexto da Copa Mundial de Futebol de 2010, sendo que *Veja* e *Época* procuraram quebrar o estereótipo discursivo do assunto, trazendo o discurso científico como validador do seu próprio discurso. A perspectiva científica foi escolhida, coincidentemente, por ambas as revistas, mostrando um possível cruzamento de informações de uma mesma natureza, de que as publicações quiseram se aproveitar. Tal recurso foi utilizado em tempos propícios às vendas de conteúdos relacionados à Copa.

No dia 7 de junho de 2010, *Época* trouxe a imagem de um suposto jogador da Seleção Brasileira, identificável apenas pelo uniforme oficial, e o rosto coberto por uma bola de futebol. As cores utilizadas na capa remetem à Copa, com as cores dos caracteres em branco, amarelo e azul, nas mesmas tonalidades do uniforme da seleção brasileira. O amarelo das letras contrasta, por exemplo, com o verde do gramado do estádio da imagem, o que nos faria pensar na seleção “verde e amarela”. Percebe-se uma harmonia entre os elementos da capa exatamente pelas cores que a constituem.



A revista comprovaria por meio do discurso científico, a eficiência do cérebro dos jogadores. Essa idéia é defendida em contraponto à matriz cultural de que tais



atletas não têm habilidade mental tão desenvolvida quanto a física. Assim, a revista se utiliza de um discurso que não atribui a si.

A posição na qual o jogador se encontra nos remete à escultura de Auguste Rodin, O Pensador, reforçando a idéia de capacidade mental revelada pelas pesquisas e experiências realizadas com os atletas, em várias universidades conceituadas ao redor do mundo como as Universidades de *Maastricht* (Holanda) e *Aix-Marseille* (França).

A bola possivelmente se caracteriza como estratégia enunciativa que desviaria o foco do leitor dos pés, lugar onde usualmente estamos acostumados a vê-la, para a cabeça, ponto principal da matéria em destaque.

Com a frase “A ciência comprova: eles não são bons só com os pés - também são geniais com a cabeça”, a revista, considerada uma porta-voz da enunciação (FAUSTO NETO, 2003) atribui à ciência os dados divulgados, de modo a aumentar a confiabilidade dos leitores em relação às informações apreendidas, eximindo-se da responsabilidade da produção do sentido, produzindo um interdiscurso. A presença da palavra “comprova” atesta a importância do modo de enunciação na estratégia discursiva da edição.

A edição de *Época* analisada traz elementos que explicam e guiam o leitor para certos efeitos de sentido, por meio da classificação e possível hierarquização dos assuntos abordados. A hierarquização pode ser demonstrada pelo posicionamento das chamadas, que acompanham a ordem de leitura, da esquerda para a direita (IMPOSTOS, DOSSIÊ, INTERNET, grafados em letras maiúsculas e amarelas, remetendo ao contexto Copa). Um símbolo que se posiciona antes da palavra IMPOSTOS direcionaria o olhar para o primeiro retângulo (da esquerda para a direita).

Assim constitui-se, na sua posição de entidade enunciativa, como enunciador pedagógico (VERÓN, 2004). *Época* mantém também um certo dialogismo com o leitor, por meio da utilização de pronomes pessoais e verbos na terceira pessoa do plural (“pagamos”, “nossa”), além da ilustração do estádio de futebol, que parece lotado, e remeteria a uma realidade vivida por muitos brasileiros.

A edição de *Época* mostra uma posição enunciativa típica de uma publicação semanal, dialógica e instrutiva. As possíveis implicações políticas da revista não se mostram de maneira explícita por meio da capa. Nesse caso, o enunciado, a visão científica sobre a Copa, se aproxima do de *Veja*. Porém, no campo da enunciação, com suas modalidades de dizer próprias, a revista cria um vínculo com o leitor.

A revista *Veja*, do dia 9 de junho de 2010, com uma temática similar à de *Época*, aborda o tema da genética humana para mostrar que os jogadores brasileiros têm possivelmente os mesmos ancestrais que jogadores europeus. Assim, a capa é ilustrada com a fotografia do jogador da Seleção Brasileira, Luís Fabiano, que foi parte da experiência genética realizada por *Veja*, por meio do laboratório Gene de Belo Horizonte, considerado um dos mais respeitados do mundo no assunto.

A pesquisa foi encomendada pela própria revista com o objetivo de divulgar o resultado como prova da premissa de que os jogadores Luis Fabiano (brasileiro) e Charles Miller (europeu) têm uma ancestralidade genética comum. O estudo atesta que ambos têm descendência africana, apesar das evidentes diferenças de feição e cor. Um dos efeitos de sentido possíveis é a aproximação dos atletas por meio de suas origens.

A capa é constituída, além da fotografia do jogador, por uma bandeira que remete à África e uma montagem de molécula de DNA que parece emergir dessa bandeira. Com a palavra DNA em destaque, *Veja* parece “chamar a atenção” para a temática principal da reportagem e também identifica a imagem de uma molécula, um dos elementos da página. Além disso, o tecido contrasta com o uniforme da seleção brasileira usado pelo atleta, o que possivelmente indicaria sua origem brasileira e africana.



Veja, com um paralelismo mais explícito das temáticas, cria em contraponto à *Época* uma distância relativa aos leitores. Mesmo assim mantém uma posição pedagógica com enunciados explicativos e elementos que indicam a reportagem

principal. Dessa maneira, deixa ao leitor a função de definir a importância de cada tópico, mesmo que alguns tópicos estejam diagramados de maneira diferenciada em relação aos outros, remetendo a uma hierarquização, além de uma classificação pela atribuição de títulos às chamadas estampadas na parte superior da capa. Esses títulos e subtítulos postos acima da matéria principal não têm caráter informativo, retomando assuntos que já teriam sido abordados anteriormente.

Outros elementos, além do textual, podem ser interpretados como dialógicos. O olhar de Luis Fabiano parece estabelecer um contato com o leitor, que ficaria instigado a ler a matéria. A fonte da palavra “DNA” é praticamente do mesmo tamanho do nome da revista, remetendo à questão da identidade genética ao mesmo tempo em que destacaria o tema em questão. Nota-se, que, novamente, em relação aos títulos, ambas os posicionam de maneira diversa. Enquanto Veja o prioriza, Época o coloca em posição sobreposta a imagem do jogador anônimo.

Considerando o funcionamento do discurso da imprensa escrita, ambas as posições têm conseqüências distintas na instância do reconhecimento. Dialogismo e relativa distância do leitor criam uma ambientação de simetria ou assimetria:

(...) a posição de enunciação *pedagógica define o enunciador e o destinatário como desiguais*: o primeiro mostra, explica, aconselha; o segundo olha, compreende, tira proveito. A posição de enunciação “distanciada” e não-pedagógica induz uma certa simetria entre o enunciador e o destinatário: o primeiro, mostrando uma maneira de ver as coisas, convida o destinatário a adotar o mesmo ponto de vista ou, pelo menos, a apreciar a maneira de mostrar tanto quanto o que é mostrado. (VERÓN, 2004, p.230).

O local de fala que Veja assume é mais distanciada que o de Época, com uma enunciação condizente com seu contrato de leitura, ou seja, de efeitos de sentido para leitores minimamente instruídos sobre o assunto em questão, mesmo com alguns elementos explicativos.

Ambas as publicações retratam a polifonia dos discursos, por meio da apropriação de signos referentes a outras categorias do conhecimento: Veja, com um elemento de estudo pertencente à genética e Época, com referência a uma escultura conhecida de Auguste Rodin. Abordando a ciência como principal temática, as revistas procuram fugir do estereótipo de publicações esportivas atuais, focando em uma perspectiva diferenciada na época em que a Copa é um dos principais assuntos abordados pela mídia impressa.



Conclusão

Os contratos de leitura das publicações impressas são importantes na construção do vínculo com os leitores. Porém, outros aspectos devem ser observados ao se fazer uma análise semiológica, como o contexto sócio-cultural em que uma sociedade se insere. Percebe-se a regularidade da organização das revistas na abordagem de um evento para outro, mesmo que possam produzir efeitos de sentido diferentes de edição para edição. Veja e Época transparecem uma regularidade discursiva, que se altera parcialmente em determinadas ocasiões.

Assim, por meio dessa análise, esperamos ter contribuído para a compreensão da importância dos contratos de leitura e das modalidades de enunciação presentes em ambas as revistas. Nossa escolha foi facilitada pela distinção das abordagens, que possibilitaram amplo material de pesquisa neste estudo. A aplicação dos conceitos se fez, assim, mais dinâmica e fluente.

REFERÊNCIAS

_____.FAUSTO NETO, Antônio. **O jornalismo e os limites da representação**.In: Revista de Estudo Lingüístico, Vol. 12, p. 45–59. São Paulo: Ed. Ilustração LTDA., 2003.

_____.MAGALHÃES, Laerte. **Produção e disputas de sentido na mídia**. In: Tempo e presença, Rio de Janeiro, p. 32 – 37, jan./fev.. 2001.

_____.MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

_____.POSSENTI, Sírio. **Apresentação da análise do discurso**. In: Revista de estudo de lingüística, Vol. 12, p. 45-59, São José do Rio Preto, SP, 1990.

_____.VÉRON, Eliseo. **Fragments de um tecido**. Rio Grande do Sul: Ed. Unisinos, 2004.

_____.Revista Época, edições 621 e 629. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 10 de abril e 7 de junho de 2010.



_____. Revista VEJA, edições números 2.160 e 2.168. São Paulo: Ed. Abril, 14 de abril e 9 de junho de 2010.